

mortas. Atônita, escorreguei ao chão e olhei para mim mesma. Lá, estava sentada uma pobre e miserável criatura, pálida, com qualquer coisa, um instrumento, na boca. À minha frente, um avental impermeável, com um bolso. Minhas mãos estavam atadas para baixo e meus pés amarrados sob a cadeira. Eu sangrava, e um filete descia para o avental. Um médico jovem, moreno, estava à minha frente. Tinha também uma cadeira. As duas jovens colocaram máscaras de cirurgia. À minha esquerda, em uma mesinha baixa, uma bandeja, e, sobre ela, instrumentos. Seu brilho frio me apavorava. Virei-me. Uma grande caixa branca, a tampa aberta, e sobre ela uma garrafa marrom com um pequeno rótulo. Tomei o seu conteúdo... Vi o médico mexer alguma coisa em minha boca... Como eu era pequena e fraca! Caminhei até as costas do médico, mas os instrumentos me apavoraram. Escondi-me atrás da capa da cadeira.

Ao acordar, encontrei mamãe sentada perto da minha cama e vi apenas seus olhos brilhantes... Disse-lhe que não vira o Dr. Widén durante a operação. "Como pode saber", perguntou-me ela, "se estava dormindo?" "Não, não", disse-lhe eu, "fiquei ao lado, observando". "Absurdo!", considerou o médico. Em seguida, saiu e eu disse por sobre os ombros: "Há muito mais entre o céu e a terra do que se pode compreender". Então as enfermeiras me repreenderam, dizendo que não se fala assim com um médico. Médicos são deuses...

(Os registros indicam que a paciente foi operada pelo Dr. A. M. e um Dr. Widén estava também na clínica. Operação: amigdalectomia; breve anestesia com éter.)

A morte dos monges budistas e freiras que se imolaram no Vietnam para protestar contra a situação política é um mistério até hoje: eles se sentam imóveis sobre chamas e morrem aparentemente sem sentir qualquer dor¹⁴. Jovens europeus que tentaram a mesma forma desesperada de protesto sofreram as mais profundas dores. Uma explicação concebível é a de que os monges, conscientemente, "deixaram seus corpos" pouco antes de acenderem o combustível. O aprendizado dos monges deve incluir, portanto, a capacidade de desejarem o estado de separação.

Projeção astral

Nos livros, o termo "projeção astral" costuma ser usado para a experiência da separação. O termo tem origem no conceito de que, ao lado do aspecto fisicamente percebido da existência — o plano físico —, existem planos espirituais onde a "substância" é de outra natureza. Um desses planos, em algumas doutrinas, recebe a denominação de plano astral.

Da mesma maneira, considera-se que as pessoas podem, fora e além de seus corpos físicos e sensoriais, ter também normalmente "corpos espirituais" invisíveis, entre eles o corpo astral, imitação exata do corpo físico. Alguns chamam a isto o "sósia etéreo", embora existam vários outros termos.

Durante o sono e sob certas circunstâncias, segundo este conceito, o corpo astral pode libertar-se do corpo físico e locomover-se livremente no plano astral. Lá ele é o portador da consciência, cujo centro se transferiu do corpo físico. Assim, o ente separado pode perceber o que cerca o corpo físico e certos aspectos do plano astral.

Utilizando certas técnicas, as observações de uma pessoa podem "mergulhar mais profundamente" no plano astral, resultando uma quebra temporária do contato com o plano físico. De acordo com este conceito, o que ocorre no momento da morte é basicamente aquela separação entre os corpos espirituais — entre eles o astral — e o físico, mas de maneira total e permanente. Então rompe-se "o cordão de prata" e a pessoa morta "nasce" no plano espiritual¹⁵.

Voltaremos mais tarde a este raciocínio. Por ora, basta dizer que, do ponto de vista do percipiente, tanto o sonho lúcido como a separação se desenrolam em "outro mundo", inteiramente diverso da vida física cotidiana, com "leis naturais" diferentes daquelas do nosso mundo. Até que grau este "outro mundo" pode ter alguma existência objetiva será avaliado mais tarde (capítulos de 17 a 19).

Não obstante, vale notar que as descrições de separações de diferentes épocas e culturas têm características tão comuns e são geralmente tão parecidas que a experiência da separação deve ser considerada genuína e não totalmente imaginária. As separações sob diferentes condições psicológicas — por exemplo ocorrências completamente espontâneas comparadas com as produzidas pela vontade — parecem, por outro lado, ter algumas características diversas^{15, 16}.